

Revisão Narrativa da Literatura


**X ENCONTRO SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR:
 UMA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS**
ANAIS DO ENCONTRO - ISSN 2237-1877
**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Jequié, 6, 7 e 8 de outubro de 2025**
**VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA PROFISSIONAIS DE
 ENFERMAGEM: DESAFIOS E IMPACTOS**

 Anadir de Almeida Farias¹
 Tamiles Souza Oliveira²
 Juliana Costa Machado³
Introdução

A violência no âmbito do trabalho é um problema global, grave em ascensão que afeta o setor de saúde e que leva a repercussões físicas e psíquicas. Além de repercutir negativamente no avanço da profissão, identidade profissional, autoestima, satisfação e na qualidade de vida desses profissionais (Bekalu; Wudu, 2023).

No que diz respeito à violência de gênero, é entendida como uma categoria mais ampla, fundamentada em ocorrências motivadas pelo gênero. Embora tanto homens quanto mulheres possam cometer tais atos, é significativamente mais comum que os agressores sejam homens, principalmente parentes, amigos ou conhecidos (Saffioti, 2015).

As Nações Unidas concebem que a Violência Contra a Mulher é qualquer ato de violência de gênero que cause ou que possa causar danos físicos, sexuais ou psicológicos (OPAS, sd). Essa concepção amplia o entendimento para além da agressão física, reconhecendo que a violência pode se manifestar de diversas formas desde o controle coercitivo a qualquer prática que comprometa a integridade e dignidade da mulher. Além de refletir e reconhecer o enraizamento em desigualdades estruturais de gênero.

Nesse contexto, quando essa problemática é associada a uma profissão constituída majoritariamente por mulheres, como a Enfermagem, que historicamente enfrenta desvalorização, precarização do trabalho e estereótipos de gênero, esses desafios tornam-se ainda mais evidentes e acentuados (Silva *et al.*, 2021).

¹Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. E-mail: nnhfarias@gmail.com

²Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. E-mail: enfatamilesoliveira@gmail.com

³Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. E-mail: juliana.costa@uesb.edu.br

Objetivo

Revisar a produção científica acerca da violência de gênero contra profissionais da Enfermagem, seus principais desafios e impactos no contexto da prática profissional.

Métodos

Trata-se de uma revisão narrativa, que consiste em uma abordagem ampla para explorar a produção científica sobre um tema específico, com finalidade de delimitar e compreender o objeto de estudo, conforme os critérios da própria revisão. Essa modalidade foi escolhida devido sua capacidade de propiciar maior flexibilidade nas fontes de pesquisa e na delimitação do recorte temporal (Zilmer; Diaz-Medina, 2018; Rother, 2007).

O levantamento bibliográfico foi realizado no período de setembro de 2025 com auxílio dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Violência de gênero”, “Enfermagem” e “Mulheres”, de forma isolada e combinada. Sendo consultadas várias fontes incluídas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-Brasil), a qual comporta inúmeras bases de dados nacionais e internacionais.

Foram incluídos artigos completos, nos idiomas inglês, português e espanhol, publicados entre 2008 e 2025, e excluídos documentos sem adequação temática.

No que se refere aos aspectos éticos, este estudo não demandou submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), uma vez que se baseou exclusivamente na análise de dados secundários, de domínio público, extraídos de bases de dados científicas consolidadas.

Resultados e Discussão

Durante o levantamento, constatou-se uma limitada produção científica acerca da temática. Encontrou-se apenas um artigo pioneiro no Brasil, publicado em 2008 e derivado de uma dissertação de mestrado, intitulado “Violência de gênero contra trabalhadoras de enfermagem em hospital geral de São Paulo (SP)”. O objetivo desse estudo foi estimar a violência de gênero vivida por trabalhadoras de enfermagem, caracterizando os agressores, a busca de ajuda e a percepção da própria violência sofrida (Oliveira; D’Oliveira, 2008).

A pesquisa envolveu 179 profissionais, entre enfermeiras, auxiliares e técnicas de enfermagem. Os resultados apontaram que a violência praticada por parceiros íntimos foi a mais comum, seguida agressões cometidas por pacientes, acompanhantes, colegas de trabalho da área da saúde, pessoas desconhecidas, chefes de enfermagem e conhecidos. A violência por familiar apareceu em terceiro lugar, sendo perpetrada principalmente por pais, irmãos, tios e primos do sexo masculino (Oliveira; D’Oliveira, 2008).

Infere-se que essa ausência de produções científicas invisibiliza o problema, comprometendo o desenvolvimento de estratégias de prevenção, proteção e apoio a essas mulheres, dificultando a criação de políticas públicas e práticas institucionais mais eficazes.

Uma dissertação de título “Violência contra enfermeiras da estratégia de saúde da família: caracterização e implicações”, apontou que as agressões vivenciadas por essas profissionais, em sua maioria, provinham principalmente de usuários do serviço de saúde ou pelos próprios colegas de trabalho (Almeida, 2012).

Os tipos mais relatados foram a violência psicológica e moral. Entre as consequências mais citadas, estão as cefaleias, palpitações e tremores; e no quesito psicológico, foram observados elevados níveis de estresse, sensação de impotência e insegurança. Inclusive, o estudo demonstrou que a violência de gênero se estendeu também a

outros lugares onde há a presença da mulher, e não somente aqueles habitualmente referidos como o espaço doméstico e/ou familiar, entre outros (Almeida, 2012).

Em outro estudo realizado com enfermeiras atuantes em sala de parto, constatou-se que as relações de poder e opressão ocorrem entre os gêneros e intragênero, especialmente com a manifestação da violência psicológica e simbólica. O gênero foi afirmado como determinante estrutural responsável pela opressão, atravessando corpos e identidades profissionais (Rangel-Flores; Martínez-Villa; Jiménez-Arroyo, 2022).

Vale destacar que a violência de gênero não acontece de maneira aleatória, mas resulta de uma estrutura social baseada em conceitos de gênero que favorecem o masculino em detrimento do feminino, este frequentemente visto como o frágil e incapaz (Saffioti, 2015).

O mesmo artigo relata que as profissões socialmente vistas como masculinas, como a medicina, acabam subordinando aquelas consideradas femininas, como a enfermagem. Muitas vezes, tarefas associadas ao universo feminino, são delegadas às enfermeiras, mesmo quando não fazem parte de suas atribuições profissionais. Esse comportamento perpetua as dinâmicas de poder e opressão, semelhantes às aquelas observadas no ambiente doméstico (Rangel-Flores; Martínez-Villa; Jiménez-Arroyo, 2022).

Compreende-se aqui que o estabelecimento do processo de território com a figura do homem reinando, não se restringe à violência doméstica, conforme discutido por Saffioti, vai além, podendo ser associado também à violência no ambiente de trabalho (Saffioti, 2015).

Dessa forma, a violência no local de trabalho é um problema global, grave e em expansão, trazendo consequências de ordem física e psíquica. Todos os trabalhadores estão expostos a esse risco, especialmente as profissionais de enfermagem que historicamente são mais suscetíveis (Bekalu; Wudu, 2023; Aca *et al.*, 2025).

O estudo de Bekalu e Wudu (2023) realizado com 534 enfermeiras e enfermeiros, destaca-se pela alta prevalência da violência no âmbito do trabalho, com 94,7% desses profissionais relatando algum tipo de agressão. Entre as formas de violência sofridas, 21% agressão física, 49% abuso verbal, 17,2% alegaram bullying e 7,5% assédio sexual. Apesar desses números alarmantes, a maioria não tomou nenhuma atitude diante das agressões. Os principais agressores, destacaram-se pacientes do sexo masculino, familiares dos pacientes e membros da equipe de trabalho. Além disso, o estudo aponta que as enfermeiras apresentaram cinco vezes mais probabilidade de sofrer violência no ambiente do trabalho em comparação aos enfermeiros homens.

Dessa forma, cada mulher interpreta essas situações de maneira singular, mesmo quando duas mulheres vivenciam uma mesma experiência de violência, apenas uma delas pode identificar e reconhecê-la como tal (Saffioti, 2015).

Nesse sentido, reforça-se que a questão está profundamente entrelaçada com a violência de gênero, que atinge desproporcionalmente as mulheres e que resulta em relações assimétricas de poder, as quais refletem nas construções sociais e hierarquias e que permeiam o ambiente de trabalho (Saffioti, 2015). Ainda, a não reação diante do quadro de agressão aponta para uma possível sensação de desamparo, medo ou naturalização da violência.

Conclusão

O estudo revela impactos físicos e psicológicos ocasionados pela violência de gênero contra profissionais de Enfermagem, reforça a urgência na criação de políticas e mudanças nas práticas institucionais para promoção de ambientes de trabalho seguros e saudáveis.

Essas políticas também devem estimular a comunicação e a notificação desses casos, para que se possa desenvolver e implementar ações direcionadas às vítimas, culminando com um espaço de trabalho seguro e saudável.

Por fim, a análise da literatura revela um déficit significativo em pesquisas que abordem especificamente a temática proposta. Embora existam rudimentos que tratam do papel da enfermagem diante da violência de gênero, das repercussões desse fenômeno na saúde das vítimas e das práticas de acolhimento e intervenção. Pouco se debruçam sobre o olhar desses profissionais, percepções e os significados atribuídos ao tema.

Descritores: Violência de gênero. Enfermagem. Mulheres.

Eixo Temático 1: A saúde coletiva no enfrentamento da violência.

Referências:

ACA, Z.; KIRCAL-ŞAHIN, A.; ÖZDEMİR, A.; KAYMAKCI, Y.S. Gender stereotypes and professional experiences of female nurses in Türkiye. *Front. Public Health*, [S.l.], v.13, 2025. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2025.1538517>.

ALMEIDA, J.L.S. **Violence Against nurses of family health strategy: characterization and implications**. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5082>. Acesso: 26 de jun de 2025.

BEKALU, Y. E; WUDU, M. A. Prevalence of Workplace Violence and Associated Factors Against Nurses Working in Public Hospitals in Northeastern Ethiopia, 2022. *SAGE open nursing*, [S.l.], v.9, 2023.

OLIVEIRA, A. R.; D'OLIVEIRA, A. P. L. Violência de gênero contra trabalhadoras de enfermagem em hospital geral de São Paulo (SP). *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 42, n. 5, p. 868-876. 2008.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE – OPAS. **Violência contra as mulheres**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>. Acesso em: 1 jun. 2025.

RANGEL-FLORES, Y.Y.; MARTÍNEZ-VILLA, C.M.; JIMÉNEZ-ARROYO, V. Relations of power and oppression within the delivery room: nursing narratives. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v.56, e20210476, 2022.

ROTHER, E.T. Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v.20, n.2, 2007.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.160p.

SILVA, L. C. P.; HINO, P.; OLIVEIRA, R. N. G.; FERNANDES, H. Violência de gênero sofrida por mulheres estudantes de enfermagem: estudo transversal. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, DF, v. 74, n. 5, e20200539, 2021.

ZILLMER, J. G. V.; DÍAZ-MEDINA, B. A. Revisión Narrativa: elementos que la constituyen y sus potencialidades. *Journal of Nursing and Health*, [S.l.], v. 8, n. 1, e188101, 2018.